

A FLORESCENCIA

Jornal Litterario

Redactor-Chefe: JOSÉ JORGE DAS NEVES

Redactor-Secretario: A. T. GRAÇA



Redactores-Auxiliares

ANTONIO P. BRAGA

ANTONIO G. S. GARCIA

ANNO I

S. Paulo, Agosto 1916

NUM. 2

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno	1\$500
Mez.	\$500
Numero atrasado	\$200
» avulso	\$100

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao sr. Redactor chefe José Jorge das Neves.

Caixa do Correio 2 (Braz)
S. PAULO

A FLORESCENCIA

Inda com passos incertos, trilha a espinhosa estrada do jornalismo, este desprezencioso jornalzinho.

Foi muito alem do que esperavamos, as atencões com que tem sido cercado, quer pelos queridos leitores, quer pelos collegas da imprensa.

A todos, pedimos mais uma vez, desculpar as imperfeições que appareceram no primeiro numero e que talvez neste appareçam, embora a nossa vontade seja contraria.

E' nos pois, summamente grato, registrar os votos de felicidade que nos enviaram, e de todo o coração agradecemos reconhecidos as atencões com que nos honraram.

A REDACÇÃO

NOTA — Por motivos particulares os srs. J. H. Coelho de Araujo, Franco Netto, Octavio S. Romeiro e Rodolpho Lanzoni, deixam de pertencer a esta Redacção, entrando en-

tretanto para a mesma os srs. Antonio Pinto Braga e Antonio G. S. Garcia como redactores auxiliares.

MORTE DE UM VATE

Inspiração, ó inspiração vinde .. vinde, trazei-me um facho de luz que illumine a minha intelligencia obscura, turva pelo sentimento, para decantar um ente de concepção sublime que, nas horas em que se via escarnecido por lingua infame, machinada por espirito nefando e baixo, atormentado pela inveja cruel, invocava para fazer bem e se defender, o vosso auxilio, como vos peço agora...

O' musa deixa de tremer tua lyra de encantos mil, para prantear um dos teus maviosos cantores.

O' deidades uni-vos ao zephiro para que traga das regiões desconhecidas do mysterio até junto a galéra enlutada que o leva para um destino ignoto, o perfume enebriante de alóes, de myhirra, de incenso e do nardo de palmyra.

Anjos! acompanhae a alma que agora está aureolada de flores singelas, e que morreu nas vascas de uma agonia lenta... muito lenta, intercalada de vez em quando pelo insulto do profano, pelo olhar desdenhoso que nada vale, de uma sociedade hypocrita e ferina nos seus odios, e pelas visões da miseria deste mundo ingrato... miseravel!

Senhor! se esse que está á vossa mercê vos offendeu, perdoae-lhe; se descrente foi da vida. crente fervoroso foi de vossa santa religião.

Sol bemdito que acalentaes o nosso trabalho ingente, ó natureza, porque é que te achas immersa entre as trevas n'um silencio austero?... Ah! não me lembrava, é morto René Barreto!

MANOEL MENDES

CARTA

A' ALGUEM

Recordas-te ainda, daquella tarde fresca, fagueira e risonha de Abril?... Era tão cheia de perfumes e encantos, tão propicia para gosos e amores!...

Com os teus bellos e negros cabellos soltos e as tuas vestes finas, leves e brancas, que voavam agitados ao doce e brando bafejo da brisa, vinhas do lado do mar tão distraida, triste e absorta, brincando com umas conchas que suas vagas deitam á praia; e eu sentado sobre os agrestes taboleiros do areal sorvendo em delicias o vivo aroma das flores de um jardim que ficava alem, tambem melancolico, pensativo e alheio de mim, sonhava... e vagueava nas regiões phantasticas e sublimes da utopia, e só nos vimos quando de face a face.

Então com violencia os nossos corações se agitaram frementes, os olhos em chammas encandecentes e chispas ineffaveis se cecularam, os nossos labios virgens, tremulos de emoção, de enlevo, de felicidade se desfolharam em sorrisos deliciosos, e as nossas almas em desvario uniram-se delirantes, de jubilo e amor...

Lembras ainda?... Pois eu, no silencio sepulcral do meu pobre e triste quarto de estudo, na solidão e na tranquillidade da minha morada, na tristeza perenne e nostalgica da minha alma, nas phantasias illusorias do meu cerebro, nas minhas continuas e prolongadas vigalias e nas minhas horas de saudades, de afflicções e scismar, vejo-te sempre como te vi toda de branco e cabellos soltos, naquella tarde inesquecivel, encantadora e dulcissima de abril...

Saudades do teu

S. Paulo, Julho, 1916

José H. Coelho de Araujo

PADRE

Eu quizera ser padre, extranho visionario,
Ajoelhado viver ante um altar augusto,
As mãos birtas, o olhar clemente; solitario,
Esviar mil orações, a Deus, o santo, o justo.

Ser da erença e da fé o invejavel hostiario
Abençoar e benzer o mundo arido adusto,
O fervor transbordando, ardente extraordinario
Tornal-o humilde emfim como fragil arbusto.

Ser padre, s.m, do amor, da paixão, do desejo
Bebber todo o nectar duma sanguinea bocca,
E ajoelhar-me ao altar sacrosanto do beijo.

Lêr a b.blia do amor no fogo dos abraços,
E depois de pregar a paixão santa a louca,
Trucidado morrer na cruz duns alvos braços!

(S. Paulo) JOSÉ JORGE DAS NEVES

CONTO Á CATULLE MENDÉS

Noite de São João. Ao calor irradiante da fogueira evolue, salta, cabriola a creançada garrula e travessa, queimando fogos em honra ao padroeiro.

Mais distante, em grupo, o moçame prepara a sorte que, na madrugada seguinte, terá de dizer o futuro de cada um.

Voluntariamente relegados a um canto estão, elle e ella, muito aconchegados, como que procurando no mutuo calor, lenitivo ao frio da noite.

Elle, alheio ao que em redor se passa, cicia lhe doces palavras junto á conchinha do ouvido. Ella, embevecida na contemplação das chamas avermelhadas, parece somente escutar as crepitações da fogueira.

--Não acreditas? pergunta elle.

--Não!

--E se recorrermos á sorte?

Ella volta-se: seus olhares encontram-se num sorriso.

--Pois bem, recorramos á sorte.

Separam-se: enquanto ia ella á busca do classico copo d'agua da sorte, preparava elle alguns papelinhos quadriculares.

Collocam o copo, a transbordar, sobre a mesa.

Eis aqui seis papelinhos, diz elle, mergulhando no copo os papeis enrolados em canutilho. Num delles vasei minh'alma na palavra -- Amo-te! -- Os outros nada contem. Si o papelinho que se abrir fôr o escripto, acreditarás na sinceridade do meu amor?

--Sim, acreditarei.

E ambos se curvaram sobre aquel-

le microscopico oceano onde o futuro de duas almas se ia decidir.

E um dos papelinhos, empregnado de humidade, primeiro que os outros se foi abrindo, desenrolando, chapando-se na superficie do liquido, gritando numa letra redonda e graúda -- Amo-te!

--E agora, acreditas'

--Sim, acredito, responde ella num abraço.

Mas (sempre a curiosidade feminina a prejudicar a humanidade) quiz ella revêr a palavra de felicidade: de novo lança o olhar ao copo, reparando então que outro papelinho se havia desenrolado e que outro e outro se iam desenrolando e que todos bradavam em côro, na mesma letra redonda e graúda: -- Amo-te! Amo-te! Amo-te!

S. Paulo, Julho de 1916

AFFONSO DE FREITAS JUNIOR

BUCOLICO

A' mar-em de um caminho, ao levantar da aurora,
A passos lentos, rindo ou então cantarolando,
Cheia do garbo e luz uma esbelta pastora
Conduz de manso gado um jubiloso bando. .

O alegre passaredo evolá canto brando,
Harmonioso e pelo azuleo espaço a fóra
Abrisa levemente e doce vae soprando...
Saúdando essa manhã tão bella e promissora.

Borboletas gentis esvoaçam ligeiras
Pelo escuro ervaçal entre flores fagueiras
Num bando multicolor, o mel, lentas libando.

Sespenteia o rega o entre a verde campina...
E do lago na amena agua tão crystalina
O sol se espalha ardente, aureo lume espalhando...

(S. Paulo) ALFREDO TRIXEIRA GRAÇA

O PASSADO

Ao O. R.

Acceitando o amavel convite que me foi feito por um distincto amigo redactor da «A Florencia», alinhei estes despretençiosos e humildes rabiscos para prehencherem os recantos falhos das columnas deste bem elaborado jornalsinho.

Um thema qualquer. Por exemplo, o passado:

O passado, como vêdes, indulgentes leitores tem sido o assumpto predilecto de innumerados e competentes escriptores que souberam com finas tintas e esplendidos sombreados pintal-o; ora com as magnificencias da purpura e dos céos a-

zues e limpidos da nossa patria; ora com o rôxo vivo das corôas que se alcandoram nos feretros, ou ainda com o preto sinistro e mortuario de que se vestem as casas de onde sahiu a pouco uma parcella inescucível e adorada, um coração amigo e companheiro, deixando um outro viuvo e lacerado pela dor tamanha de inequalavel perda

E com tudo, é interessante, não nos fartamos do passado; queremos saber o de outrem e gozamos immenso quando revelamos o nosso á um coração amigo e complacente que nos ouve callado e cheio de ternura.

Muitas vezes não encerra grandes alegrias nem lagrimas abundantes, mas queixas doridas, lamentos sentidos e saudades bem amargas.

Quasi todo o rapaz que não completou ainda 20 annos já olha para o passado, com os olhos baços e o coração opprimido.

E sempre se aflora nos labios um sorriso inexpressivo e angustioso e phrases explodem despercebidas: O' tu passado bembito!... Porque te fostes?!... O' dias de minha infancia!... não voltam mais... e um suspiro é o remate desta conversa sem resposta.

Qual o rapaz que já não teve o seu passado? Que não ouviu ainda as phrases entrecortadas e tremulas de uma joven dedicada e ideal no momento da partida?... um adeus fremente e suspirante... um olhar de saudades já, de melancholia, de vacuo, de indefinido?...

O' meu passado, como és rico de sonhos e tão cheio de saudades!...

S. Paulo, Julho de 1916

NUBEO JUNIOR

Lendo ás escuras

Vem-me aos olhos a lagrima tremente
Quando a tua gentil cartinha eu leio,
Sinto n'ella o sabor de um beijo quente,
E o aroma aspiro de um virgineo seio.

Em cada phrase eu ouço a vóz, dolente,
Contemplo a imagem no papel em meio
Vejo-te inteira pallida, fulgente,
Rindo de amor e louca de receio.

E durmo esperançoso... Sonho tanto
Que ao acordar não sei si estou sonhando,
Lendo a cartinha humida de pranto...

E perco logo o somno... Que canção!
Emquanto eu a vou lendo, vae passando
Teu vulto luminoso pelo espaço...

(S. Paulo) FERREIRA ALVES JUNIOR

O meu amigo Astolpho

Esse moço engenheiro fôra incumbido da construcção de uma represa de pedras, para utilização do curso d'agua que alimenta os moinhos de Edwards-Ville na fronteira do Canadá com os Estados Unidos.

Rapaz louro, um tanto delgado, elegante nos seus movimentos extremamente sympathico apezar de uma sombria timidez, que emmoldurava esse conjuncto de belleza adonica e attrahente. Tinha 26 annos de idade.

O açude tinha trinta pés de altura e outro tanto de base.

Durante os trabalhos appareciam alli, visitantes das circuvizinhanças, não tanto pelo interesse que essa nova obra de hydraulica pudesse inspirar, mas para apreciar o movimento regular, a ordem dominante nos trabalhos de execução em tão diminuto espaço occupavam mais de 50 operarios.

Dentre os vizitantes diariamente apparecia um Senhor Farmer idoso acompanhado por uma linda moça, morena, cabellos lisos e volumosos, olhos pretos, bocca pequena, d'uma belleza excepcional lembrando os perfis e as sublimes concepções do grande Murillo.

Essa moça interessava se ante as obras, do seu director que não perdia de vista um só instante, inpedindo-o nos seus movimentos, nas suas ordens.

Não quer isso dizer que o meu amigo Astolpho desapprovasse o insistente interesses d'aquella fiscalização diaria. Antes pelo contrario aquella olhar attento e persistente acompanhava-o até nas horas de descanso extasiando-o completamente, aquella morena dos olhos negros tinha-se apoderado d'elle. Tinha invadido a alma do pobre rapaz.

Passaram-se os dias, o serviço estava para completar-se, e a visita diariamente continuava com a regularidade de um cronometro, sempre nas mesmas horas, a tarde, e sempre uma rosa cahia das mãos esculpturaes da moça nos interstícios das pedras do paredão em enconstrução.

Que capricho seria esse?

Mysterio!

Afinal n'um combate d'alma entre o desempenho do proprio dever e o desejo de nunca mais acabar, nunca mais perder tão agradaveis vizitas, chegou o dia da inauguração da represa. Nesse dia, fechadas

as compórtas, o curso d'agua tomara novo destino e o termo da sua missão o levaria, sem saber aonde no isolamento, no grande immenso deserto do mundo com a alma dilacerada sem mais esperanza no futuro, feito atôa inconsciente no meio das alegrias e dos soffrimentos alheios!

Pobre rapaz!

As aguas subiam, subiam e o pobre pensativo sentido á margem do ladrão, foi de repente attingido pelas aguas. Quiz esquivar-se, subir no coroamento do paredão e nesse movimento perde o equilibrio, desce levado pela correnteza no turbilhão do escapamento n'uma dança vertiginosa de Waltzer, n'uma dança infernal, precipitada, veloz, sem soffrer, extasiado, num murmuro de mil musicas que o embriagaram e o transtornaram sem sentidos no alto da parabola da vida, do vacuo.

Um instante e nada mais.

Horas depois, accorda sob a pressão delicada de mãos mimosas e brandas dentre os negros e finos cabellos; a mão salvadora, a mão das rozas. E a formosa morena, aquella que com assidua vigilancia, sem demonstração de interesse soube salvar o mestre e o seu sonho juvenil, e assiste toda de amar e de esperanza.

R. LANZONI

LAGRIMAS

A minha bôa Mãe como recordação ao seu filho José, por occasião do anniversario da sua morte.

Eras pequenino e bello!

Flôr tão graciosa, jasmim tão candido e gracioso, cujo perfume embriagante — as tuas caricias me traziam arrocibada!

Eras como um botão d'uma camelia branca, um astro refulgente, a reliquia de teus estremosos paes!

Os teus cabellos negros, tão negros, cujo brilho tão formoso me vinha deslumbrar, eram o sol da minha vida, out'ora cheia de encantos e harmonias e hoje deserto tão assombrado de cruces e tão juncado d'espinhos!

A noute das minhas maguas, afugentada era pelo teu olhar e devino e luminoso!

Assim como o orvalho da aurora nas frescas manhãs de Abril suavi

sa as petalas das flôres, tambem o teu sorriso era o balsamo consolador para as minhas dôres e soffrimentos!

O ruido suave da tua voz, hymno que parecia vindo do céo, fazia o meu coração palpitar de jubilo: enchia-o de alegria e felicidade, como se rosas desfeitas, cobrissem com suas petalas delicadas o meu peito!

O teu nome, a caução suavissima dos meus labios e que ainda hoje repito, cheio de amor e saudade, articulo-o como si fôra uma oração, era o nome do Pae Divino, era o teu nome — José! Nome que vem do Céo, que exprimes, tanto amôr!

Quando tua cabecinha em meu peito se reclinava, os anjos do Céo pousaram sobre mim as suas azas, como um escudo de diamantes, que me tornavam cada vez mais forte e orgulhosa!

E quando tu enfermo, e quasi que exgottado das tuas forças, proprias desses teus labios já descorados, precioso cofre dos meus beijos, o nome do bom l'apá, choviam petalas d'ouro ante os meus olhos e os anjos do Paraizo, sorriam para mim!

BEATRIZ N. MOREIRA

Desditosa...

Eil-a... A desventura em pessoa...

Conhecia outróra arrastando sedas e fulgurando na alta roda, nos grandes saraus, "num voltear sem fim", como si fosse um astro de primeira grandeza!

Encarnava perfeitamente uma das "gratas" mythologicas de que a lenda nos dá noticia... No seu riso franco, espontaneo, sincero, encontravam-se "verdadeiras risadas de crystal"... A sua voz, Argentina, soava tão docemente aos nossos ouvidos, como si estivesse ao piano executando deliciosos trechos dos maestros de mais e nome... Si cantava, todos a ouviam, silenciosamente, inebriados, como si estivessem longe da realidade deste mundo de desenganos, num outro mundo phantastico onde tudo era encanto.. musica.. poesia...

Não é crível que, escrava de sua paixão, n'um desses momentos de odio, de amor ou de desespero, anniquilasse para sempre o rosno futuro que lhe sorria! Sim, não é crível, pois que eu bem a conheci... Poder-se-ia dizer que o seu coração era um bloco de granito, frio como é fria a gélida sepultura e inacessível como a rocha mais escarpada!

Teria sido um capricho, um desses caprichos juvenis que arrastam a adolescência aos tetricos abysmos da desventura? Também não! Naquella alma candida e sincero, naquella coração inacessível, naquella honradez sem jaça, os caprichos não encontravam agasalho! Primogenita educada com todos os desvelos e carinhos de que era merecedora, por sua vez não contrariava as vontades paternas; antes, ao contrario, obedecia-lhes! Si bem que "neste ponto delicado, que é o amor e o ser amado", como bem dizia o poeta, a obediência sempre tem um limite, ella, entretanto, preferiu ser martyr das vaidades paternas, martyr de sua obediência!

Quem diria que horas tão amargas lhe estavam reservadas!...

GRAÇA E OLIVEIRA

VISÃO...

Detem-te, mulher... Quem és?

De onde e para onde arrastas este trophéo que certamente ganhaste nas luctas emprehendidas para a debellação das palmas?

—Sou a musa.

—Qual das musas?

—A que preside a poesia lyrica. Venho daquellas terras, então des cortinadas pelo deus Apollo, e me dirijo Augusta pelos caminhos espinhosos da eternidade! Tenho atravessado campos matizados de ramos olorosos, tenho deixado em meu trajecto o perfume embriagante, como o perfume que as flores exalam no mez de maio... O immensuravel sopro épico que beija estes cabellos louros e ondulados, passa por sobre as cabeças jovens deixando o per-

fume da inspiração... Sou, na realidade, a deusa Polymnia, aquella deusa de outróra, a illustradora daquelles povos da antiga Grecia e de Roma... Demosthenes e Socrates — Cicero e Varrão alimentaram-se da força magistral desta mythologica divindade...

—Perdô-a, oh! Musa, perdô-a-me, que sou um simples mortal. Sim... um simples mortal, porque soffro muito para obter "o pão nosso de cada dia".

—Não te afflijas, oh! nobre trabalhador, não te afflijas... Recebe este punhado de flores, em cujas pétalas encontrarás a felicidade e a paz!

HELENO SANTIAGO

Concurso litterario

Desejando desenvolver o gosto pela litteratura, abrimos, com este numero, um concurso, que julgamos agradaará os leitores nossos collabores.

Consta do seguinte: compor um soneto sobre qualquer thema, porem que seja primoroso, pois ao que fôr considerado em primeiro logar offereremos um livro de sonetos de Antonio Corrêa d'Oliveira

Os trabalhos serão julgados por uma commissão especial cujos nomes depois publicaremos nesta secção.

O presente concurso será encerrado com o nosso 4.º numero, e a seguir, abriremos um outro de contos.

Os trabalhos devem vir separados de qualquer escripto e com a declaração "Para o concurso litterario".

Ao trabalho pois, amantes da musa.

Sem Coração

A' Mathilde

Sonhei!

E contigo, ingrata!

Sonhei que ao teu lado, quasi abraçados, eu te lia os meus versos... os versos que irromperam do meu coração.

Com voz commovida, o olhar fascinado, eu procurava exprimir o que os versos não podiam... Haverá palavras que traduzam os mysterios da alma?...

Entretanto... que olhar extranho o teu! Pareciam de vidro os teus olhos! Não eram ternos e amorosos não!... Que olhar extranho!...

Sorrias? Podererei dizer que sorrias?... Merecerá esse nome o teu sorrir petrificado, inexpressivo, o teu sorrir de estatua?...

Ingrata!

E desejando ler os mysterios da tua alma tive uma idéa... porque a tive? Infeliz!...

Reclinára o Evangelista a cabeça ao peito de Jesus e revelaram-se-lhe todos os segredos do Coração Divino.

Porque não faria eu o mesmo comtigo?

Talvez assim adivinhasse a razão do teu olhar inexpressivo, do teu sorrir petrificado...

E reclinando a minha soffredora cabeça no teu seio, escutei...

Ouvia o arfar monotono, regular indifferente do teu peito...

Ouvia mais... mais nada!

Horror!

Não tinha coração!...

JOVIANO SILVEIRA

PENELOPE

Por COSTA MAGEDO

Guilherme Arronches creara se, a bem dizer, um vibrante lunatico da Grandeza. Inda distruia calçotes fendidos atraz, e já papagueava vestidos, cousas de entontecerem os fedelhos apoucados d'intelligencia, E, ávante, pelo periodo escolar, não havia condiscipulo que lhe chegasse aos calcanhares n'essa balda: o seu delirio, inflado como ôdre cheio, é megalomania esbrazada.

O estudantelho, em vez de dizer que é filho d'um modesto, senão arruinado ourives, diz que seu pae é a pessoa mais rica do lugar — Caramba, só de uma pancada havia comprado no Porto, com estupefacção de patrões e caixeiros, todas as barras d'ouro que topara nas ourivesarias! Que se quizesse estrearia todas as semanas um fato de magnifico panno, trajando como o mais apurado janota. Que se pae lhe daria... — isto era segredo, não o fôssem espalhar — um dote de alguns contos de réis quando elle casasse: mormente se o fizesse, como eram seus desejos, com a filha do fidalgo da Ponte, a rapariga mais

bella, mais frunida d'heranças, mais anciada de toda aquella immensa comarca...

As boccas dos ouvintes, mal elle virava costa, cacheiravam a gargalhada estrondante da caçoadada e atacavam a seguir, algumas com pena, a facundia jactanciosa do collega, punham ao léo toda a verdade sobre a sua condição.

Todos o sabiam, o seu lar estava em miseria desde a noite de ha 14 annos, em que o pae, indo a dormir, fôra roubado, no comboio de Braga para o Porto.

(Continúa)